

**Cartografia de movimentos inventivos e intensivos dos “bebês da pandemia”**

*Cartography of inventive and intensive movements of “pandemic babies”*

Fernanda Binda Alves Touret  
Nathan Moretto Guzzo Fernandes  
Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni  
**Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)**  
Vitória-Brasil

**Resumo**

A partir de encontros ocorridos em um Centro Municipal de Educação Infantil, posteriores ao período de isolamento imposto pela pandemia de Covid-19, o texto traça aproximações com as trajetórias dos bebês, registradas em um diário de bordo, e tem por objetivo cartografar as experiências aprendentes e inventivas em enunciações infantis nos movimentos brincantes. Problematisa quais movimentos aprendentes e curriculares são engendrados nos encontros dos bebês com os ambientes da Educação Infantil em meio aos percursos inventivos e intensivos. Como aporte metodológico, aposta na cartografia produzida no cotidiano escolar, entendido como *espaçotempo* privilegiado de experimentações onde forças migrantes agem e, em meio aos processos fabulatórios, afirma a potência dos encontros pelos quais se delineiam uma geografia dos “bebês da pandemia” na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Currículos; Bebês; Educação Infantil.

**Abstract**

From meetings that took place in a Municipal Center for Early Childhood Education, after the period of isolation imposed by the Covid-19 pandemic, the text outlines approximations with the trajectories of babies, recorded in a logbook, and aims to map the learning experiences and inventive in children's enunciations in playful movements. It questions which learning and curricular movements are engendered in the babies' encounters with the environments of Early Childhood Education during inventive and intensive courses? As a methodological contribution, it bets on the cartography produced in the school routine, understood as a privileged spacetime of experiments where migrant forces act and, during fable processes, affirms the power of the encounters through which a geography of “pandemic babies” in Early Childhood Education is delineated.

**Keywords:** Curriculum; Babies; Child education.

**Introdução: o que sobrou do céu?**

*Faltou luz mas era dia, o sol invadiu a sala  
Fez da TV um espelho refletindo o que a gente esquecia*

*Faltou luz mas era dia...  
Faltou luz mas era dia, dia, dia*

*O som das crianças brincando nas ruas  
Como se fosse um quintal  
A cerveja gelada na esquina  
Como se espantasse o mal*

*O chá pra curar esta azia  
Um bom chá pra curar esta azia  
Todas as ciências de baixa tecnologia  
Todas as cores escondidas nas nuvens da rotina*

*Pra gente ver... por entre prédios e nós...  
Pra gente ver... o que sobrou do céu...*

O que sobrou do céu. O Rappa. Álbum Lado B Lado A. 1999.

A música *O que sobrou do céu*, da banda “O Rappa”, percorre o dia a dia de um cidadão comum que é incapaz de ver aquilo que passa ao seu redor. Foi preciso a luz acabar, “mas era dia”; foi preciso faltar a energia elétrica para assim ser forçado a enxergar coisas que, em sua rotina, não conseguia observar. Foi preciso um acontecimento para alumiar novos horizontes “por entre os prédios e nós” e ventilar arco-íris de cores outrora escondidas nas “nuvens da rotina”.

Em tempos de Base Nacional Comum Curricular (2018) que, em seu texto, afirma constituir-se em um documento de caráter centralizador e normativo, o qual aponta ser “[...] necessário que sistemas, redes e escolas garantam um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes, tarefa para a qual a BNCC é instrumento fundamental” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 8), são evidenciados os direcionamentos dos currículos e das práticas pedagógicas pelos pressupostos de uma educação homogênea, padronizada e reducionista. Neste artigo<sup>1</sup>, que se propõe a acompanhar os movimentos inventivos e intensivos dos bebês, é importante registrar um aspecto que nos é relevante e que escapa de algumas leituras da Educação Infantil, uma importante ausência, qual seja, a exclusão dos bebês e das crianças pela estratégia de não as citar na abertura do documento norteador das “aprendizagens essenciais”. As crianças e os bebês não integram a nomenclatura “estudantes” tal como está

contida no texto introdutório da BNCC, o que suscita ainda mais as indagações acerca dessa ausência.

Em contextos de “necropolítica” (MBEMBE, 2018) como os nossos, o “poder soberano” visa à instrumentalização da existência e à criação de “mundos de morte” (MBEMBE, 2008, p. 70), em que as formas contemporâneas subjugam a vida ao “necropoder”, a partir de decretos de liberação de armas de fogo, através de práticas fascistas e racistas, que incessantemente têm buscado apagar a diferença e os diferentes, como no caso exposto em relação à ausência das crianças e dos bebês no texto introdutório da BNCC, produzindo apatia, falta, redução da vida e anulação da alteridade. De outro modo, a música escolhida para abrir este texto aponta a necessidade de rompermos os automatismos que tentam reduzir a existência a um modelo, pois a vida não expande se nos refugiarmos dentro dessas fronteiras; é preciso ultrapassá-las.

Diante de cenários prescritivos na Educação Infantil, cuja intenção parece ser reduzir a docência a afazeres burocráticos e subtrair sua autonomia de problematizar a sua prática, como conjecturar a constituição de currículos que não se deixam aprisionar a modelos? Seria possível pensar em docências tal qual os anticiclones, que se deslocam por terrenos imprevisíveis, removem as nuvens que nublam o céu e flertam com a alegria afirmativa do ato de educar, produzindo um arco-íris de cores?

Entendemos que a vida na escola precisa tensionar os limites de uma educação e uma docência dogmática, insossa e inodora, fincada sobre a lógica da reprodução, enraizada sobre moldes discursivos universais, em imagens fixas de pensamento, pois, quando tomado pela representação, este modo de produção de pensamento — com imagem, ao centrar-se no conceito de identidade, remete a diferença ao erro. Deleuze (2006) aponta, com a filosofia da diferença, a necessidade de instaurar modos de pensar como criação, com ruptura do modelo dogmático. Configura-se como um pensamento sem imagem que, por assim sê-lo, age de forma aguda, no sentido de abrir rasgões de possibilidades para pensar o novo, o (im)pensável, o diferente — o pensamento nômade. Tal pensamento desloca, vagueia, experimenta, inventa. Trata-se, portanto, de um modo de pensar e existir como (re)existência e resistência.

Corazza (2010, p. 149), no artigo *Os sentidos do currículo*, questiona “qual o currículo dentre os que conseguimos produzir, mantém-nos em devir-revolucionário, para nos

confrontar, radicalmente, aos abismos econômicos, sociais, tecnológicos e políticos”. Quais docências “[...] inventam travessias, produzem efeitos de margem, fim das continuidades, ultrapassagem das fronteiras?” (CORAZZA, 2010, p. 151).

A autora argumenta para a possibilidade de um currículo migrante, de dimensão espacializante, um geocurrículo, que é curvilíneo e turbilhonar. Tem sentidos nômades. Tempestade de forças. Desestratificado, não pressupõe com certezas, o que existe para ser pensado. Tematiza a sua estética múltipla, que complica vários currículos. Abertura ao futuro, pensa de outra maneira: afirmativamente. Fabulosa reserva rizomática, existe para reinventar a vida. Sísmico, em labirintos, faz circular nuances infinitas da vida, pelas quais vale a pena constituir novos modos de existência (CORAZZA, 2010).

Nesse currículo aberto aos possíveis, transpassam os trajetos errantes dos bebês, que vagueiam (DELIGNY, 2015) e andarilham pelos espaços a romper as barreiras das normatizações que ousam represar suas buscas. Aqui, um diário de bordo não tem a pretensão de interpretar seus movimentos, apenas transcorrer os espaços porosos, dinâmicos e sem formas nos quais Thrift (2006) nos convoca a problematizar acerca dos lugares que embalam tantos modos de fabulação dos bebês. Em meio aos movimentos molares e sedentários, que tentam disciplinar e controlar, com uma tendência intrínseca de imobilizar os corpos, temos as linhas moleculares que permitem os fluxos, desafiam a fixidez e irrompem em composições.

Assim, nosso campo problemático vai se delineando: que movimentos aprendentes e curriculares são engendrados nos encontros dos bebês com os ambientes da Educação Infantil em meio aos percursos inventivos e intensivos?

Entendemos currículo como forças em relação macro/micropolítica (CARVALHO, 2009, 2019), ou seja, tanto engendrado a partir da legislação dos sistemas de ensino; das diretrizes de órgãos federais, estaduais, municipais; dos livros didáticos; das tecnologias educacionais quanto tecido por professores, bebês, crianças, adolescentes, gestão escolar, comunidade numa inflexão que, ao mesmo tempo que atravessa, é atravessado pelas forças em relação, constituindo uma rede de saberes, fazeres, poderes, afetos sempre em tensões complexas, por isso, passível de constantes modificações, em movimentos errantes, intensivos e inventivos.

É nessa abertura às transfigurações curriculares que reside nossa aposta, em currículos como morada da diferença, conectável em todas as suas extensões; rasgável e reversível em

suas múltiplas entradas e saídas. Apostamos no cotidiano escolar como *espaçotempo* privilegiado em que essas forças migrantes agem, reinventando a vida na escola como potência coletiva, inventiva e intensiva.

Assim, colocamo-nos em encontros diários com os bebês de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) localizado no município de Vitória/ES. Nesse lugar, somos afetados por seus trajetos migrantes, nômades e espacializantes que derivam encharcados de mobilidades, em que não se acena para um sentido único das experiências, pois o caminho é múltiplo. Em meio aos processos brincantes a cartografia emerge como metodologia de pesquisa para acompanhar os efeitos reverberados no ajuntamento dos acontecimentos pelos quais se delineiam uma geografia singular dos bebês na Educação Infantil.

Ao pensar os bebês e suas infâncias, recusamos o caminho no qual a infância e a criança são percebidas em sua dimensão individual e cronológica, apostando nos processos de singularização, geradores de movimentos aprendentes e curriculares em multiplicidades inventivas e intensivas. Afirmamos, ao longo do texto, essa força na criação de diferentes imagens para a infância e que propicia devires, “[...] que nada tem a ver com um futuro, com um amanhã ou com uma cronologia temporalmente marcada, mas com aquilo que somos capazes de inventar como experimentação de outras coisas e outros mundos” (ABRAMOWICZ; LEVCOVITZ; RODRIGUES, 2009, p. 180).

Evidenciamos ainda a condição de “ser bebê”, que não está relacionada a uma idade cronológica, mas a modos não lineares de individuação, que transcorrem em inúmeras redes nas quais eles se relacionam, emergindo diferenças e produzindo singularidades nessas relações. Afinal, um bebê “[...] possui a potência e a possibilidade de fazer emergir novos modos de ser e existir, alheio aos modelos já estabelecidos. Alheios à identidade que os tentará capturar” (TEBET; ABRAMOWICZ, 2021).

Ressaltamos, nesse contexto, que a cartografia, mais do que um método, se trata de uma prática de pesquisa que encontra sua chave na experiência presente. Nesse sentido, neste texto, objetivamos apresentar fotografias e escritos registrados no diário de campo, entendendo que ele funciona como um importante dispositivo que auxilia a navegar pelo campo de produção de subjetividade e propicia novos agenciamentos com a pesquisa, a docência e os currículos. Sendo assim, “[...] publicar o diário dá-lhe um novo estatuto ou lhe confere a dimensão de dispositivo de análise” (BARROS; PASSOS, 2009, p. 199) e publicar os

## *Cartografia de movimentos inventivos e intensivos dos “bebês da pandemia”*

registros do diário de bordo é restituir a experiência ao plano público e coletivo de sua produção.

Movidos pelas experiências com os bebês e por algumas forças de descrença acerca de sua potência de criação e aprendizagem, lançamo-nos à pesquisa por meio da cartografia para percorrer as frestas que se abrem ao perfazerem os trajetos cotidianos. “No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 17).

Desse modo, o que nos parece ser igual é, no entanto, um apanhado de significâncias entremeadas a um rizoma em que não há um centro, começo, meio ou fim, dado que “[...] um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-seer [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48).

### **Como habitar um território com os bebês?**

Imagem 1: Descobrindo outros mundos



Fonte: Acervo dos pesquisadores (2022).

Nesse percurso, fomos afetados pelos frescores dos sopros provocados pelos encontros inventivos dos bebês que nos convocam a problematizar processos de criação e aprendizagens em cada passo vivenciado, rompendo currículos enrijecidos que cerceiam seus processos inventivos que se apresentam

[...] pela espacialização, com cada um em seu lugar e um lugar para cada um; pelos controles minuciosos das atividades, com horários previamente determinados para todas as atividades e com o valor do tempo em si mesmo; pela vigilância hierárquica, de modo que, na escola, tudo parece estar organizado. [...] (CARVALHO; ROSEIRO; GONÇALVES, 2022).

Ajuntados a esse universo, colocamo-nos desde o início do ano letivo de 2022 a percorrer os processos produzidos nos encontros em agenciamentos coletivos de enunciação

em meio aos seus movimentos brincantes, o que nos impulsionou modos de problematizar algumas questões.

Que movimentos aprendentes e curriculares são engendrados nos encontros dos bebês com os ambientes da Educação Infantil em meio aos percursos inventivos e intensivos? Com o transcorrer dos dias, percebemos que precisávamos fazer parte daquele agrupamento de maneira genuína, em que os fios que acolhem são necessários para romper os olhares resabiados de quem nos vê como intrusos num território de aconchego. Assim, nos empenhamos em entrar em relação com aquele coletivo, sem tomar uma posição de invasores num território em que habitam com seus modos de se relacionar afetados, muitas vezes, por forças molares (DELEUZE; GUATTARI, 2011), que tentam endurecer suas trajetórias inventivas.

Como habitar um território com os bebês? Nosso percurso foi delineado ao nos lançarmos a outros modos de habitar, em que não sedimentamos os bebês de forma impermeável, pois cada encontro com os que perpassam os territórios nos ambientes da Educação Infantil ou com elementos do entorno torna-se fendas através das quais passam forças que se movem simultaneamente produzindo afetos e aprendizagens antes não apreciadas pelas forças que sobrenadam os saberes infantis, mais especificamente dos bebês. Nessa conjunção, somos também rasgados pelas linhas flexíveis que produzem fissuras nos territórios mais endurecidos, conduzindo-nos a transmutações que fazem passar outros possíveis pelos caminhos e descaminhos brincantes.

Nesse enredo, vivenciamos os primeiros dias em que as famílias estiveram no CMEI para o período de acolhimento e, a todo instante, éramos surpreendidos com afirmações dos familiares de que aqueles eram “bebês da pandemia”, vindos de pouco convívio fora do círculo familiar mais íntimo. Essa turma ingressou no CMEI pela primeira vez no ano de 2022, tendo em vista o não retorno presencial no ano anterior para os que possuíam menos de 3 anos de idade ou mesmo pelo fato de que alguns estavam sendo matriculados pela primeira vez em um ambiente de Educação Infantil. Isso nos levou a problematizar os desafios dados pelos rastros da pandemia de Covid-19 a que todos fomos submetidos, o que nos trouxe questionamentos acerca do “pertencimento” dos corpos desses bebês em relação à pandemia, como se o ocorrido os constituísse, estratificando-os em características pandêmicas perenes, como corpos produzidos em territórios fixados, adoecidos, carentes de

## *Cartografia de movimentos inventivos e intensivos dos “bebês da pandemia”*

algo a que não haviam tido acesso. Ao certo, não sabíamos de que modos os bebês iriam compor essas vivências anteriores com os novos encontros e experimentações.

A insegurança — legítima — demonstrada por parte dos pais estimulou-nos a ampliar o nosso olhar e a nossa prática docente não para a falta, a carência, o isolamento, mas para os possíveis engendrados nas composições entre bebês, caixas, temperos, cores, texturas, sons, professoras, pesquisadores no sentido de:

Preferir a diferença à identidade. A positividade à negatividade. A afirmação à contradição. A singularidade à totalidade. A contingência à causalidade. O evento ao predicado. A performatividade à qualidade. O verbo ao adjetivo. O ‘verdejar’ ao ‘verde’. A linha ao ponto. A espiral à seta. O rizoma à árvore. A disseminação à polissemia. A metamorfose à metáfora. O acontecimento ao conceito. O impensado ao bom senso. O simulacro ao original (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 10).

Dados ao desafio, e por forças desterritorializantes que possibilitam escapes por onde esgueiram-se fluxos de intensidades em meio a muitos possíveis (DELEUZE; GUATTARI, 2011), experienciamos as primeiras aproximações que aconteciam por meio das junções dos corpos quase que lado a lado. Eram tempos feitos de minutos que nos imprimiam horas, tamanha a intensidade desses momentos, em que respeitávamos os gestos de desconfiança dos bebês e, ao mesmo tempo, acolhíamos choros e indagações emitidas pelos olhares à procura de um familiar. Nesse momento, nosso diário de bordo era preenchido pelo “**diário de colo**”, pelo ninar e por muitos abraços de aconchegar os bebês em suas primeiras experiências naquele ambiente de vida coletiva. À medida que nos tornávamos parte de seu cotidiano, fomos nos entremeando aos espaços e às relações que ali emergiam.

Percebíamos no decorrer dos encontros que, apesar das angústias iniciais dos familiares, os bebês não atravessavam um portal provido de poderes de transmutação que dava acesso aos ambientes da Educação Infantil. Essa entrada também não detinha o domínio de fazer com que se despissem do vivido anteriormente entre as paredes da casa configurada em um casulo, no qual, à época, a proteção parecia ser o maior aliado em meio ao vírus que circulava vorazmente. Em contrapartida, experienciavam movimentos, em meio aos vestígios do que lhes restara do isolamento, ajuntados aos acontecimentos multiplicados pelo coletivo. Neles teciam fios trazidos do casulo-casa produzidos anteriormente, lançados em meio às estranhezas dos novos encontros, que, naquele momento, já se enredavam à singularização produzida em um espaço de vida pulsante.

Nesse contexto, entre idas e vindas ao CMEI, as páginas de nosso diário de bordo eram invadidas por questões sobre o tempo de aprender dos bebês e nos colocamos a percorrer



caminhos questionando sobre quais possibilidades se davam nessa temporalidade. À vista disso, fomos afetados pelos *espaçostempos* em que eles experimentam seus caminhos por meio dos desejos que os atravessam, escapando das capturas do tempo *chrónos* que insiste em apressar as infâncias com urgências forçadas.

Em grego clássico há mais de uma palavra para se referir ao tempo. A mais conhecida entre nós é *chrónos*, que designa a continuidade de um tempo sucessivo. [...] O tempo é, nessa concepção, a soma do passado, do presente e do futuro. [...] Outra é *kairós*, que significa ‘medida’, ‘proporção’ e, em relação com o tempo, ‘momento crítico’, ‘temporada’, oportunidade. [...] Uma terceira palavra é *aión*, que designa, já em seus usos mais antigos, a intensidade do tempo da vida humana, um destino, uma duração, uma temporalidade não numeráveis nem sucessiva, intensiva (KOHAN, 2007, p. 86).

Os tempos da experimentação necessitam da “[...] possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto que é quase impossível nos tempos que correm [...]” (LARROSA, 2002, p. 24). O que a experiência da descoberta quer de nós é a temporalidade do demorar-se, dedicando-se ao sentir no corpo e nos afetos, o que nos suspende de suposições e das ações automáticas, trazendo em si a experiência do encontro com a brandura em se deliciar ao sabor dos possíveis, sem aligeiramentos que interrompem o emaranhado rizomórfico das invenções dos bebês. Esse tempo da experiência requer a dedicação e a leveza de quem navega ao sabor dos ventos, encantando-se com cada gota de um oceano imenso que nos toca quando a embarcação se encontra com as ondulações dos caminhos.

Diante dessas possibilidades e semeados pela lentidão que aprecia os bons encontros (SPINOZA, 2009), os bebês ganham para si e seu coletivo um mundo aberto às novidades dos constantes inventos, daqueles que possuem os ponteiros do relógio como remos e os fazem brincar ao sabor das ondas da navegação que se deleita sem a pressa e a rispidez do choque das águas no rochedo que margeia uma costa delimitante.

Nossa aposta no tempo da relação *aiônica* com os bebês pouco a pouco nos presenteou com acontecimentos impregnados em processos inventivos que nos afetavam, e ainda afetam, de maneira pungente. Nessas ocasiões, nos dividíamos entre movimentos ágeis e, ao mesmo tempo, sutis para pegar o celular e tirar fotos do que acontecia, comunicando uma vida que emergia nos encontros com eles. Posteriormente, nosso tempo era de dedicação em tentar multiplicar aquelas imagens em enunciações textuais que iriam reverberar outros possíveis em meio aos ajuntamentos de cada um com esses registros do diário de bordo.

## *Cartografia de movimentos inventivos e intensivos dos “bebês da pandemia”*

Todos os dias, ao chegar à sala dos bebês, nos colocávamos em torno das brincadeiras, entendidas como experimentações, que ali aconteciam a todo instante. Percebemos que nosso olhar saltava às invenções cheias de novidades que surgiam como fagulhas diante dos nossos olhos.

Em muitas ocasiões, não encontramos modos de nos manter distantes dos bebês com um caderno nas mãos, habitando um lugar remoto de meros observadores; afinal, cartografar é um ato que se dá no processo, junto aos acontecimentos. Era preciso estar com os bebês e habitar os territórios com eles. Diante disso, a fotografia se tornou uma das nossas maiores aliadas para a construção do diário de bordo, que se tornaram, por fim, diário de colo, que em diversas situações eram preenchidos posteriormente frente às imagens registradas. Enfim, os encontros eram mais pulsantes que as meras palavras em folhas frias.

As imagens fotografadas eram posteriormente revisitadas por nós, funcionando como dispositivos de um eterno retorno (NIETZSCHE, 2008), no qual revivíamos as cenas, quando certamente algo se transmutava, tornando-se diferentes de suas composições originais nos acontecimentos em si, o que nos fazia pensar sobre quantas e quantas individuações emergiram nesses tantos encontros com o experienciado junto aos bebês.

### **Enunciações que reverberam movimentos aprendentes inventivos e intensivos**

Imagem 2: Travessias



Fonte: Acervo dos pesquisadores (2022).

#### O VEÍCULO-PONTE

Ajuste do veículo, últimos preparativos.

O carona aguarda apreciando o entorno

Partida dada!

Adiante tudo pode acontecer

Devir pista, devir caminhos

Desvios, encontros, descaminhos

Instantes-horas passam

Após o quilômetro do primeiro encantamento... ou último?  
O carona se dá por satisfeito e desce do veículo  
Decerto, ou não, este caminho por ora se findou.  
E no acontecimento, motorista se transmuta em exploradora incansável do veículo  
Agora ponte, passagem ou a própria estrada percorrida  
Vai, vem e aponta o olhar por onde desejam suas próximas experiências.

Certa tarde, ao acompanharmos um momento de brincadeiras com as caixas da sala, uma das meninas se aproximou dos objetos e convidou seu colega a subir. O “diálogo” transcorria sem o uso das palavras proferidas de forma oral, ele se dava no corpo de forma orgânica, onde mãos, braços e olhos dançavam ao ritmo de uma “conversa” envolvente.

A pequena subiu em uma das caixas e seu colega a acompanhou em outra logo atrás. Subiu, desceu, subiu, desceu... em dado momento ela parecia ajustar os canos, juntamente com tantos outros materiais não estruturados que se faziam brinquedos naquele ambiente, e supomos que consertava algo.

Posteriormente nos parecia que embarcavam em uma amistosa viagem. Diante disso, nós, cartógrafos em campo, nos envolvíamos em cada acontecimento em que fabulavam os bebês naquela sequência inventiva de caixotes. Afinal, fabular é desejar múltiplos possíveis, problematizando modos outros à medida que experienciam movimentos de invenção em suas ações do cotidiano, produzindo alegrias no corpo (LAPOUJADE, 2017).

Diante dessas enunciações percorridas, porventura poderiam ser outros os trajetos que a menina vivenciou com seu colega. Assim como o que você, cara leitora, caro leitor, ao se encontrar com essas imagens, talvez suponha algo diferente acerca dos acontecimentos. Aí está a pedra! Foi lançada ao lago para que as ondulações se acheguem onde provavelmente não ousamos imaginar, provocando diversas e rizomórficas enunciações.

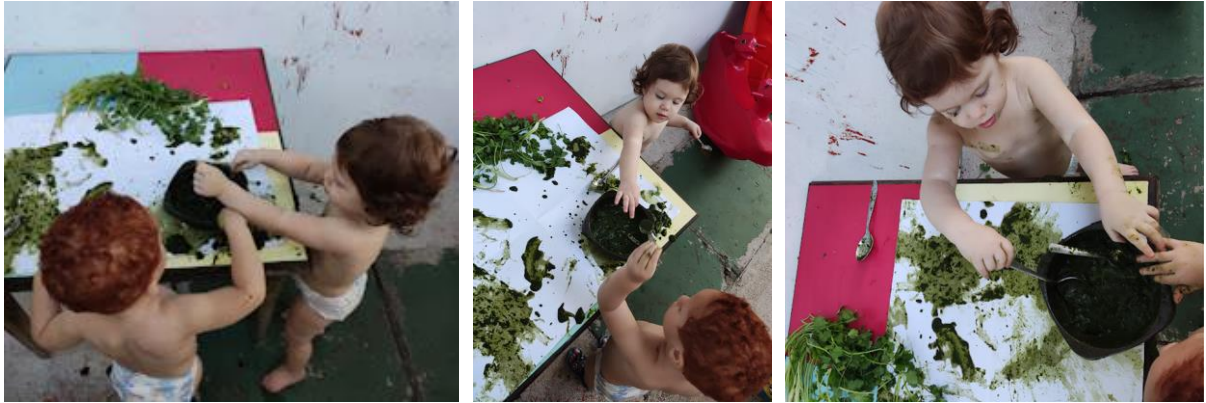
Nasceram então textos movidos pelas experiências dos bebês em meio aos movimentos e encontros de vida cotidiana, nos quais éramos surpreendidos com a criação e invenção inusitadas diante dos mais diversos enredos vivenciados com os encontros que ali emergiram cheios de força.

A criação não é [...] um ato in-diferente, indiferenciado, amorfo. As invenções não são todas iguais. Uma invenção não é igual a outra qualquer. Elas não resultam de atos isolados de criação. Elas existem, elas passam a existir, como o resultado de um ato de força, de imposição de sentido. As forças, por sua vez, tampouco existem ou agem isoladamente. Elas estão em ação em um campo de forças, o que ignifica dizer que uma força age sobre outra força, que aquilo que as movimenta é a diferença entre uma força e outra. É essa diferença que faz a diferença entre uma invenção e outra. As forças dão forma às criações, imprimem nelas sua marca, sua diferença (CORAZZA, TADEU, 2003, p. 47).

### *Cartografia de movimentos inventivos e intensivos dos “bebês da pandemia”*

Desse modo, e de tantas outras formas, vivemos as experiências multiplicadas por meio de palavras e imagens e forças que se expandem como ondulações de um lago onde se lança uma pedra, cartografadas pelos afetos que nos atravessam nos agenciamentos dos cotidianos e de tantos outros que entram em relação com o diário de colo e seus registros.

Imagem 3: Encontro com outros possíveis



Fonte: Acervo dos pesquisadores (2022).

#### ENTRE ENCONTROS E ENCANTAMENTOS

Em meio aos estranhamentos iniciais  
e diante das texturas diversas  
a menina passeia pelos caminhos úmidos  
em que os temperos se tornam tintas.

As marcas no papel e em seu corpo  
convidam pelo cheiro fresco do verde.  
Abrem-se trajetos ao novo e ao mesmo,  
tão diferentes e próximos.

Agora a tinta se torna frescor em múltiplos encontros  
e o espanto se transforma em maravilhamento.

Os bebês, em movimentos intensivos e inventivos, vão dando sentido aos encontros que estabelecem com as forças em composição no plano de imanência, instaurado no cotidiano escolar. Dessa forma, fomos sendo interpelados a seguir, problematizando o estigma dos “bebês da pandemia” para afirmar a força do impensável e buscando, no acontecimento, a intensidade, a diferença pura. E, nesse movimento, os bebês nos convocam a perceber um “currículo da imanência” (CORAZZA; TADEU, 2003), um currículo gerado pelos encontros que os bebês estabelecem com as coisas, com o outro e que transmutam em abundância de vida.

### **Em movimentos sem fim...**

Em todo o percurso vivido e permeado de encontros, mergulhamos em movimentos que objetivaram percorrer as experiências inventivas dos bebês em seus movimentos brincantes por meio da cartografia, que nos afetaram de diferentes modos, entremeados aos eventos cotidianos. Ao habitar esse território singular, concluímos que as grafias tecidas pelos bebês apresentam corpos “pós-pandêmicos” que se transmutam e transfiguram em múltiplas aprendizagens que não se deixam aprisionar em um tempo endurecido, mas, muito mais, numa geografia inventiva e intensiva.

Diante desse mapa aberto, fazemos uma provocação e um convite, para que vivenciem uma experiência mostrando a outras pessoas apenas as fotos aqui registradas, sem os textos que as acompanham. Provavelmente perceberão que cada um entrará em relação com as imagens de maneiras diferentes, compondo tantos outros enredos atravessados pelas linhas que as tecem nos acontecimentos.

Isso posto, problematizamos acerca das infindáveis diferenças produzidas em cada relação que surge diante deste artigo, suas imagens e as experiências vivenciadas nos agenciamentos que se engendram em seu entorno ou mesmo distantes deles.

Assim sendo, não temos a pretensão de responder aos questionamentos feitos até aqui, apenas lançar pedras num lago em que tantos outros venham a entrar em relação com esses acontecimentos, promovendo ondas em uma multiplicidade de caminhos e descaminhos perpassados pelos e com os bebês. Afirmamos, portanto, a nossa aposta em currículos e docências inventivas com os bebês e que são praticados em nossas escolas em processos de criação coletiva.

### **Referências**

ABRAMOWICZ, Anete; LEVCOVITZ Diana; RODRIGUES Tatiane Cosentino. Infâncias em Educação Infantil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 179-197, set./dez. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000300012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/cfMLxpmmX6VCvsqsWHFGfJg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 nov. 2022.

BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 172-200.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 27 set. 2022.

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: DP et Alii, 2009.

CARVALHO, Janete Magalhães. Macro/micropolítica, cotidiano escolar e constituição de um corpo coletivo em devir. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 21, n. 1, p. 47-62, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8650819/18996>. Acesso em: 23 nov. 2022.

CARVALHO, Janete Magalhães; ROSEIRO, Steferson Zanoni; GONÇALVES, Camilla Borini Vazzoler. Os múltiplos tempos do aprender no currículo escolar. **Currículo sem Fronteiras**, v. 22, p. 1-19, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.35786/1645-1384.v22.1914>. Disponível em <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol22articles/carvalho-roseiro-goncalves.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2022.

CORAZZA, Sandra Mara. Os sentidos do currículo. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 1-15, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24120/17098>. Acesso em: 23 nov. 2022.

CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graaal, 2006.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011. v. 1.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. Tradução de Lara de Alimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2015.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância: ensaios de filosofia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. Tradução de Hortencia Santos Lencastre. São Paulo: n-1 Edições, 2017.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC>. Acesso em: 27 set. 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **A vontade de poder**. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TEBET, Gabriela.; ABRAMOWICZ, Anete. Afinal, o que querem os bebês? **Debates em Educação**, [S. l.], v. 13, n. 33, p. 377–390, 2021. DOI: <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2021v13n33p377-390>. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/12671>. Acesso em: 23 nov. 2022.

THRIFT, Nigel. Space. **Theory, Culture & Society**, v. 23, n. 2–3, p. 139–146, 2006. Disponível em: <https://nigelthrift.files.wordpress.com/2008/02/space.pdf>. Acesso em 22 nov. 2022.

## Nota

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto de um projeto de pesquisa, em andamento, aprovado pelo comitê de ética, por meio do parecer consubstanciado do CEP nº 3733.191.

## Sobre os autores

### Fernanda Binda Alves Touret

Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES). Professora de Educação Infantil pela Prefeitura Municipal de Vitória (PMV). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2898-8180>. E-mail: [ferbinda@yahoo.com.br](mailto:ferbinda@yahoo.com.br).

### Nathan Moretto Guzzo Fernandes

Doutorando em Educação PPGE/UFES. Professor substituto na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9541-9370>. Email: [nathan.fernandes@ufes.br](mailto:nathan.fernandes@ufes.br).

### Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora do Departamento de Teorias e Práticas de Ensino (Dtepe); do Programa de Pós- Graduação em Educação (PPGE); e do Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE) da Universidade Federal do Espírito Santo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3950-0427>. E-mail: [tania.delboni@ufes.br](mailto:tania.delboni@ufes.br).

Recebido em: 11/01/2023

Aceito para publicação em: 30/03/2023